

burguesa, a vivenda de fim de semana nos arredores da capital francesa e as casas da família na aldeia. E é neste contexto que aquelas pessoas se constroem. Escreve FS: “queria perceber como é que os seus membros construía as suas identidades pessoais e como é que cada um representava a sua condição de pessoa em constante movimento entre a ruralidade de um país periférico e a urbanidade de um país central” (p. 20). Trata-se aqui de uma tensão entre mobilidade e localização que não é só geográfica, mas relativa ao modo de vida e à configuração das escalas de valor.

Se a análise do discurso e das práticas sociais permite traçar um quadro de identificação cultural, os filmes permitem perceber o modo como o corpo tem um papel fundamental nos processos descritos. Essa ideia de que a cultura se toma num corpo (e a que FS chama *embodiment*) só muito raramente é assumida pela etnografia, ainda que se saiba não ser possível uma

cultura sem corpo. Escreve FS: “No caso de José [o homem do documentário], de uma forma muito mais óbvia do que no caso de Jacinta, a diversidade das formas que o seu corpo assumia foi uma revelação. Nas imagens visionadas foi possível identificar pelo menos quatro formas corporais, a que chamei, para organizar as ideias, o “corpo do imigrante”, o “corpo do artesão”, o “corpo do emigrante” e o “corpo do crente” (p. 61). A descoberta é feita pelo olhar do cinema, porque esse conjunto de corpos se forma a partir do estabelecimento de diferenças subtis, estéticas e expressivas, que só o mais rigoroso exercício do cinema pode tornar comunicáveis. Ou seja, o cinema torna presente o corpo que é o objeto fundamental da antropologia, mas quase sempre ausente.

*Nuno Crespo*

Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
nunocrespo.iha@fcsh.unl.pt

José Antonio Cortéz Vázquez  
**NATURALEZAS EN CONFLICTO: CONSERVACIÓN AMBIENTAL Y ENFREN-TAMIENTO SOCIAL EN EL PARQUE NATURAL CABO DE GATA-NÍJAR**  
Valência, Germania, 2012, 323 páginas, ISBN: 978-84-15660-29-3.

Cortéz Vázquez apresenta neste livro os resultados de um estudo sobre o Parque Natural Cabo de Gata-Níjar (PNGN) na Andaluzia (Espanha). Por um lado, tenta captar os impactos sociais (e naturais) de uma política de conservacionismo cultural

e natural que tem sido implementada pela administração ambiental andaluza nas últimas décadas, e, por outro, o modo como as populações humanas têm interagido no território ao longo do tempo com os elementos (recursos) agora patrimonializados. O livro dá especial relevo às medidas proibitivas e regulatórias com o objetivo de garantir usos respeitosos do meio ambiente e suas implicações (materiais e simbólicas) sobre diferentes grupos sociais, em particular aqueles que sempre têm vivido no PNGN, não esquecendo uma retórica ambientalista (“verde”) mais global que tem ajudado à própria redefinição da natureza e do mundo. O autor

reconhece que, na Andaluzia, a política de áreas protegidas tem gerado disputas e conflitos que resultam de posições e interesses antagônicos de diferentes grupos sociais relativamente às mesmas – análise que é extensível a todas as áreas protegidas criadas em territórios humanamente construídos ou reconhecidos.

Na verdade, o estudo de caso apresentado visa refletir sobre a política ambiental andaluza em termos mais globais da gestão (e patrimonialização) de valores culturais e naturais, não descurando, todavia, uma análise de profundidade histórica que faz explicar a paisagem, a “natureza” e o território por via das diferentes “ocupações” e “usos” humanos. Assumindo uma base etnográfica, a investigação aborda conflitos e percepções diferenciadas do ambiente/áreas protegidas, tendo como referência os diversos usos e apropriações dos recursos do Parque Natural por grupos sociais com interesses e objetivos distintos. Numa perspectiva diacrónica procura averiguar diferentes etapas do desenvolvimento económico e social do PNGN e da sua área envolvente, considerando “histórias” diferenciadas dos *stakeholders* locais e as próprias dinâmicas inerentes às transformações das representações, percepções e práticas face ao ambiente.

Cortéz Vázquez desenvolve a ideia de que a natureza e a paisagem se apresentam como valores (referentes) social e culturalmente construídos, que não só determinam usos dos recursos e atividades mas também o modo como o território (o espaço social) é entendido. Em particular, fala sobre as populações locais (agricultores, pescadores, pastores) que têm vivido e desenvolvido atividades no PNGN e abre a reflexão sobre memória e identidade, reconhecendo dimensões sociais e culturais como cruciais para o entendimento da relação dos indivíduos humanos com o seu meio envolvente (natural, que também é, neste sentido, cultural) e da percepção dela resultante. Esta

relação entre o vivido (histórico) e o percebido (presente-representacional) joga-se no âmbito de contingências sociopolíticas que o autor reconhece. Os discursos (em torno de práticas e representações) produzidos sobre o ambiente e a paisagem surgem-nos assim como dependentes de experiências concretas (micro), mas também de influências políticas e culturais mais vastas (macro) que informam a vida dos grupos sociais. É nesta produção diversificada e historicamente contingente que Cortéz Vázquez situa a compreensão das estratégias dos atores e dos grupos sociais com vista ao futuro das suas práticas e representações face às áreas protegidas, em geral, e ao PNGN, em particular. Ou seja, a criação do PNGN ou de áreas protegidas tem de ser vista como geradora de novas predisposições face aos próprios recursos (onde se incluem os humanos).

Do ponto de vista teórico, o argumento parte de debates antropológicos prementes sobre a construção sociocultural da natureza (e a recusa da clássica dicotomia sociedade-natureza) e o ambiente como discurso, abordando, igualmente, dimensões do desenvolvimento ligado ao turismo e, em particular, ao ecoturismo ou turismo étnico (com base num maior envolvimento das comunidades locais), conhecimentos e saberes locais ou indígenas, ecologia política (a consideração do acesso, gestão e utilização dos recursos naturais numa perspectiva global com referência ao modo como localmente os recursos naturais são geridos e utilizados sob pressão dos grandes interesses económicos mundiais). Isto é, inscreve a produção do discurso e das práticas sobre o ambiente numa escala que também torna as populações locais produtoras criativas dos mesmos. A proposta estende o seu alcance para além das perspetivas construtivistas, enfatizando uma dimensão diacrónica de análise (ecologia histórica) que torna a percepção do ambiente depen-

dente de uma história das próprias ideias sobre o ambiente, das relações e interações das populações com o meio ambiente e de estruturas sociais e dinâmicas sociais mais vastas. Ou seja, situa as práticas e os discursos sobre a natureza, paisagem e ambiente nas próprias condições históricas de produção daquelas.

Cortéz Vázquez explora o pressuposto de que as áreas protegidas são dinâmicas e não são apenas áreas de natureza, ou, dito de outra forma, que as populações humanas que nelas têm vivido são constituintes imprescindíveis a ter em conta para a sua compreensão integrada. Por outro lado, reconhece a inevitabilidade dos conflitos que resultam de percepções, discursos (representações), relações e interações (práticas) distintos face aos restantes coelementos dos ecossistemas. Por outras palavras, estes elementos são moldados por políticas económicas, culturais, ambientais e de desenvolvimento, nas quais se inclui o turismo.

O texto recenseia um conjunto considerável de fontes muito atualizadas, convocando não só a antropologia, mas, igualmente, áreas das ciências naturais que nos permitem conhecer muito pormenorizadamente a biodiversidade do PNGN. Do ponto de vista metodológico, os treze meses intervalados de trabalho de campo, entre 2005-2008, permitiram ao investigador uma metodologia circular, como o próprio denomina, facilitando intercalar e complementar revisões bibliográficas com novos dados, que correspondiam à própria necessidade de captar uma realidade dinâmica e em transformação constante. Esta é também uma etnografia multilocal (com base em três núcleos populacionais) que visa igualmente o conhecimento e reconhecimento de diferentes atores, grupos e atividades/práticas que se desenvolvem no PNGN (diferentes tipos de turismo, agricultura, pastorícia). Esta abrangência é reconhecida, ainda, na atenção às diferentes

formas como as populações humanas foram apropriando os espaços e os seus recursos ao longo do tempo, processo que culmina presentemente num relativo abandono de áreas anteriormente “exploradas” para fins agropastoris, paralelamente à reinvenção turística das mesmas.

Em suma, o livro contribui para a necessária desconstrução de “consensos” sobre áreas protegidas, em particular aqueles produzidos por discursos ambientalistas oriundos da biologia, que tendem a negligenciar o papel ativo e produtor dos humanos na natureza e na paisagem – as abordagens biocêntricas/ecocêntricas. É de destacar, neste sentido, uma perspetiva que faz reconhecer o caráter transformativo e dinâmico do território – os espaços têm história – e dos agentes sociais envolvidos. O livro revela-se, assim, como um contributo relevante para a antropologia ambiental e o estudo das áreas protegidas (abordando um contexto europeu que, de alguma forma, tem sido esquecido), podendo ser igualmente apreciado pelos conhecimentos gerados na ótica dos gestores e *stakeholders* do PNGN na Andaluzia; importa, neste sentido, valorizar a sua dimensão de aplicabilidade e transdisciplinaridade (em especial, na receção e difusão), servindo o propósito de, através de uma abordagem etnográfica, fazer redescobrir diversidades e pluralidades de pontos de vista que desde a ordem normativa se afiguram inacessíveis. No âmbito dos estudos sobre relações entre indivíduos humanos e indivíduos não humanos, as perspetivas antropológicas são, cada vez mais, necessárias como forma de reconhecer a inevitável humanidade da *wilderness* das áreas protegidas.

*Humberto Martins*

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal  
humbmsm@yahoo.com